

# Manifesto Indignado - Profissionais Homens na Educação Infantil

Declaro Assinar o Manifesto Abaixo.

MANIFESTO INDIGNADO - Profissionais homens na Educação Infantil 1

Um dia, vivi a ilusão. De que ser homem bastaria. Que o mundo masculino tudo me daria. Do que eu quisesse ter. Que nada.

Minha porção mulher, que até então se resguardara. É a porção melhor. Que trago em mim agora. É que me faz viver.

(Composição de Gilberto Gil "Super-homem", 2002)

O Fórum Paulista de Educação Infantil vem apresentar o seu terceiro Manifesto Indignado, sobre a visão binária e sexista, diante dos profissionais homens na educação infantil. Os discursos hegemônicos e homogeneizadores que oferecem modelos únicos e universais, de masculinidade e de feminilidade, são produtos do capitalismo contemporâneo, do conservadorismo, do patriarcado que normatiza e controla a sociedade. A atual conjuntura política que vivemos marcam os corpos e educam para submissão e o medo de uma sociedade, ainda pautada, em valores do patriarcado, do machismo naturalizado nas relações sociais. O PL 1174/2019 apresentado pela Deputada Estadual Janaína Paschoal, que trata de profissionais da Educação Infantil, só reforça o processo de desigualdade de gênero, delineando a exclusão. Pois existe, ainda uma ideia do homem no trabalho com os bebês e as crianças pequenas, na educação infantil, como professor, auxiliar, monitor e outros, de representações da “presença masculina”, da “imagem masculina” ou da “figura masculina”. Essas três denominações aparecem expressas nos discursos de diretoras, de pais e mães, de representantes políticos e da opinião geral da sociedade, este mandato de oferecer modelos. Tanto a presença como a imagem e figura são referências de um corpo, do exterior, do que se vê, mas esses três termos descrevem um corpo imóvel, um corpo rígido, que é mostrado e discutido como um modelo, porém, não agem em outros corpos, mas por meio de exemplo. A presença se opõe à ausência como um jardim de infância artificial, mundo de mulheres em que, como a ilha de Lesbos, casa de Safo, não pode entrar homens. A presença se remete à ruptura do sigilo primeiro, a derrubada das primeiras paredes. A imagem também sugere a visibilidade: não se trata de estar de qualquer maneira nem em qualquer lugar, o homem no jardim da infância deve fazer de sua visibilidade um objeto de reflexão e cuidado e a imagem também deve ser entendida como política, no sentido de que é preciso quando se tem o homem publicamente uma boa aceitação. A figura, finalmente, é o elo final do mandato para representar um modelo, pois a figura, não só está, não só se faz ver, mas também tem um contorno, assume uma forma, declara representar algo, se constitui em referência. Nesse aspecto, a “porção mulher”, como nos diz Gilberto Gil, vem a ser um elemento para provocar as ordens postas pelo sistema patriarcal, aprendendo junto com os bebês e as crianças pequenas a exercitar outro olhar, a ver o mundo por outra perspectiva. A quebra da visão hegemônica do papel masculino e das práticas corporais e de condutas normativas para os homens na formação da masculinidade nos espaços da educação infantil são complexas e são construídas de acordo com o contexto e com as condições sociais, econômicas, políticas e históricas da sociedade contemporânea ocidental, não há uma única masculinidade, mais várias masculinidades, localmente e em escala mundial, e, é importante ressaltar que existem diversas formas de masculinidades, assim como de feminilidades. Portanto, os papéis sociais atribuídos ao sexo masculino e feminino não podem ficar presos às marcas das identidades de gênero ou de sexo, as quais reafirmam as diferenças excludentes entre homens e mulheres e

às hierarquias na sociedade capitalista. Pelo contrário, ao colocar em evidência as diversas formas de relações entre homens e mulheres, entre meninos e meninas, podemos encontrar mudanças para enfrentar as desigualdades de gênero. Como lidar com o temor, da violência sexual, e com as diversas situações ao se ter profissionais do sexo masculino na educação infantil? A questão levantada nos aponta sobre a importância do tripé: famílias/docentes/crianças, que é um elemento fundamental para desnaturalizar práticas cristalizadas na pequena infância, como a inserção de homens na educação das crianças pequenas, marcando o profissionalismo, construindo a docência junto às famílias, uma cumplicidade, principalmente no contexto das práticas educativas. O envolvimento entre o professor, auxiliar, monitor e as famílias é intenso e a participação faz parte das estratégias do trabalho com os bebês e as crianças pequenas em que o ato de cuidar, é um ato pedagógico, a indissociabilidade entre o cuidar e o educar, como uma prerrogativa, também dos homens, o que não é visto pela deputada, que não compreende o trabalho pedagógico na educação infantil e, que propaga uma visão machista e sexista do papel das mulheres na sociedade. A presença de professores, auxiliares e monitores nos espaços da educação infantil permite pensar em uma educação para a pequena infância na qual homens, mulheres, os bebês e as crianças pequenas aprendam no coletivo que as diferenças entre os sexos estão presentes e que ao serem afirmadas não se transformem em desigualdades, pelo contrário, que se criem formas de eliminação de hierarquias de gênero.

FÓRUM PAULISTA DE EDUCAÇÃO INFANTIL – FPEI  
19/10/2019

1 Texto produzido por Peterson Rigato da Silva. Pedagogo e mestre em Educação pela UNICAMP, doutorando em Educação pela UNESP- Rio Claro. Diretor, professor e pesquisador na Educação Infantil. Membro do Fórum Paulista de Educação Infantil – FPEI.